



CONVENÇÃO ASSOMBROSA: IMAGINAÇÃO E PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Barbara Caravante Dias ¹
Helena Vitória Ferreira da Silva ²
Juliane Madeira Dionisio ³
Roger Eduardo Silva Santos ⁴
Aline Pereira Lima ⁵

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre práticas pedagógicas voltadas ao incentivo à leitura na Educação Infantil, por meio da análise de uma ação desenvolvida por bolsistas do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), licenciandas do curso de Pedagogia. A atividade, intitulada “Convenção Assombrosa”, foi realizada em uma escola da rede municipal de Presidente Epitácio-SP, e constitui-se como objeto de estudo para compreender os efeitos de abordagens lúdicas na formação leitora das crianças. A proposta surgiu a partir do subprojeto “Jardim dos Pequenos Leitores”, espaço destinado à leitura e à literatura infantil. Durante um mês, as bolsistas desenvolveram atividades com duas turmas - Pré I e II - sob orientação das professoras supervisoras do Programa. A metodologia adotada baseou-se em uma abordagem lúdica e interativa, na qual as bolsistas se caracterizaram como personagens clássicos dos contos de assombração, como bruxas, lobos e fantasmas, criando uma atmosfera imersiva. Cada personagem convidava as crianças a conhecer e ler sua história, transformando o ato de leitura em uma experiência pessoal. Ao final da atividade, os alunos participaram de uma votação para eleger a história preferida, que seria posteriormente lida em sala de aula pelas professoras. O projeto, planejado coletivamente, buscou transformar o ambiente escolar em um espaço temático, dialogando com referenciais teóricos que defendem o letramento literário e a valorização da literatura infantil como ferramenta para o desenvolvimento emocional e social da criança. Como principal resultado, a ação revelou resultados mais expressivos do que o previsto, evidenciando o potencial da abordagem lúdica para o incentivo à leitura, além de fortalecer o vínculo entre alunos, bolsistas e a equipe escolar. A proposta favoreceu práticas de leitura que dialogam com o cotidiano escolar e evidenciou a importância da colaboração e do planejamento coletivo, ampliando o protagonismo dos alunos.

¹ A proposta metodológica do autor, em uma sequência básica de letramento literário, prevê quatro passos essenciais para guiar a leitura literária em sala de aula, transformando a literatura em uma prática vivida: motivação, introdução, leitura e interpretação (Cosson, 2009, p. 51).

² Rildo Cosson (2009) define o letramento literário como uma prática que vai além da simples decodificação de textos ou do ensino tradicional da literatura. Trata-se de uma proposta pedagógica que busca formar leitores críticos e sensíveis, capazes de vivenciar a literatura como uma experiência estética, cultural e humanizadora.

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus de Presidente Epitácio, bcaravantedias@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus Presidente Epitácio, h.vitoria@aluno.ifsp.edu.br ;

⁵ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus Presidente Epitácio, juliane.madeira@aluno.ifsp.edu.br ;



Palavras-chave: PIBID, Incentivo à Leitura, Abordagem Lúdica, Formação de Leitores.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil tem como eixos estruturantes, interações e brincadeiras, nas quais o brincar, a imaginação e a descoberta se entrelaçam, possibilitando um amplo repertório de experiências e sentidos. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (Brasil, 2010) e com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017), essas vivências são fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças, pois favorecem a construção de conhecimentos, valores e formas de expressão. Nesse contexto, a leitura e a literatura infantil assumem papel essencial na formação de sujeitos críticos, criativos e sensíveis, contribuindo para o letramento literário e o despertar do prazer pela leitura..

Considerando o que defende Paulo Freire (1988, p. 11), que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, é por meio dela que a criança começa a interpretar e ressignificar sua realidade. Ao “abrir portas” para o mundo, a leitura, especialmente a leitura literária, também possibilita o desenvolvimento de fantasia, a ampliação de conhecimentos, estimula capacidades de abstração, a empatia e a construção de repertórios culturais essenciais para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. No entanto, o desafio pedagógico reside em como transformar o ato de ler em uma prática prazerosa, que dialogue com a vivência da criança, superando a visão de uma atividade meramente formal ou técnica. Nesse sentido, a abordagem lúdica ganha destaque, reconhecendo o brincar como uma das linguagens fundamentais da infância, já que ao integrar elementos do universo infantil, a leitura literária se descola de uma obrigação e se torna um convite para uma aventura.

Por meio do letramento literário, o ato de trazer a literatura para escola, distancia-se de um simples componente curricular. Sem perder de vista seu verdadeiro significado, que é humanizar, o letramento literário torna-se uma experiência a ser vivida (Cosson, 2009)⁶.

O presente relato de experiência tem como objetivo refletir sobre práticas pedagógicas voltadas ao incentivo à leitura na Educação Infantil, por meio da análise de uma ação desenvolvida por bolsistas do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à

⁶ Mestre em Educação, docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus Presidente Epitácio, roger.santos@ifsp.edu.br ;



Docência (PIBID), licenciandas do curso de Pedagogia. O PIBID, como Programa de formação docente, proporciona um espaço valioso para que futuros educadores se insiram no contexto escolar e refletem sobre a prática, em colaboração com escolas e professores supervisores. A experiência aqui descrita foi idealizada e executada dentro desse programa, consolidando uma relação entre teoria e prática, o que enriquece tanto a formação das bolsistas quanto a vivência dos alunos da Educação Básica.

A atividade intitulada “Convenção Assombrosa” foi o principal objeto de reflexão deste estudo, servindo como um caso prático para examinar o potencial transformador de abordagens lúdicas na formação de pequenos leitores. Ela foi realizada no âmbito do subprojeto “Jardim dos Pequenos Leitores”, que tem como propósito transformar o ambiente escolar em um espaço vivo e dinâmico, dedicado à leitura. Com essa iniciativa buscamos ir além da rotina da sala de aula, criando um projeto temático que dialogasse diretamente com o imaginário infantil. A atividade reforçou a compreensão de que “o brincar é um modo de ser, uma maneira de a criança estar no mundo” (Oliveira, 2011, p. 74).

Constituíram nosso referencial teórico, além de Cosson (2009), que trata o letramento literário como um paradigma de leitura humanizador e de Freire (1988), sobre a importância do ato de ler, trazemos autores que tratam da ludicidade como Kishimoto (1990) e Wallon (1975) e da educação infantil como Piaget (1964) e Vygotsky (1984).

Quando se fala em relato de experiência, não há propriamente um roteiro fixo para organizar as ideias. Neste texto, compartilhamos uma experiência vivenciada por 16 bolsistas do PIBID, do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) campus Presidente Epitácio, situando o leitor a partir de algumas questões norteadoras como: onde aconteceu? quando aconteceu? Quem estava envolvido? qual o objetivo? O que funcionou e o que não funcionou? O que aprendemos? Essas questões buscam ser respondidas ao longo do texto que segue e será apresentada como um recorte, a partir do olhar de três participantes do programa.

METODOLOGIA

A vivência aconteceu em Presidente Epitácio, cidade do interior do estado de São Paulo, situada no Oeste Paulista, tendo como campo de atuação uma escola municipal que atende crianças do Pré I, Pré II (Educação Infantil) e 1º ano (Ensino Fundamental I). A atividade ocorreu no dia 7 de maio de 2025, como parte de um subprojeto de alfabetização, no contexto do PIBID.



A ideia de executar a nomeada “Convenção Assombrosa” surgiu a partir da percepção de que era necessário um incentivo para além das práticas cotidianas de escolarização. Era preciso envolver todos estudantes da escola, e, nesse sentido, embora o projeto em execução tivesse como público principal as turmas da Educação Infantil, a participação dos alunos do 1º ano também se justificava por comporem o público atendido pela instituição. Diante disso, buscou-se pensar em uma intervenção que mobilizasse o universo da leitura e que acontecesse de forma lúdica. Essa necessidade foi levada à professora coordenadora de área do PIBID e discutida em reunião semanal, com todos os licenciandos. Pensamos coletivamente no que poderia ser idealizado, reiterando a dimensão do trabalho colaborativo presente no programa.

Já havia uma turma de bolsistas trabalhando contos de assombração com as crianças, até que a professora orientadora trouxe como referência o filme “Convenção das Bruxas”. A intenção, porém, era reinventar o repertório das personagens. Surgiu, então, a ideia de um teatro, e o conceito da “convenção” foi sendo desenvolvido coletivamente, a partir das sugestões de todos os alunos bolsistas.

Listamos quais personagens poderiam compor a intervenção e depois definimos o papel seria atribuído a cada um. Idealizamos o formato da encenação, os trajes, os equipamentos e as referências para dar corpo à ideia. Assim surgiu a “Convenção Assombrosa”, que de forma simplificada, foi uma intervenção pedagógica, semelhante a um teatro, em que os pibidianos se caracterizaram como personagens do universo do terror, mitológico e fantasioso, tendo como referência um livro infantil para apoiar a construção da caracterização de cada personagem.

A cena consistia em uma reunião de bruxas e outros personagens do universo de assombração, que se reuniam em uma convenção para discutir qual conto deveria ser apresentado e explorado na escola. Além do narrador, que conduzia o desenrolar da história e mediava a convenção, as personagens se apresentavam às crianças, contando quem elas eram e o que faziam, com a intenção de convidá-las a ler suas histórias.

Ao final da intervenção, como parte do movimento constante entre teoria e prática - e do ato pedagógico como momento que envolve planejamento, execução e avaliação -, retornamos ao grupo de bolsistas para refletir sobre a ação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto “Jardim dos Pequenos Leitores” foi implementado em uma escola municipal de Presidente Epitácio-SP, envolvendo duas turmas da Educação Infantil – Pré I e Pré II. Seu objetivo primordial foi promover o letramento literário desde os primeiros anos de

escolarização, considerando que estas salas constituem o primeiro contato formal das crianças com práticas de leitura literária na escola, visto que a instituição não possui berçário e creche.

Durante um período de aproximadamente um mês, as bolsistas, sob a orientação das professoras supervisoras e coordenação de área, dedicaram-se ao planejamento e à execução de atividades que resultaram na ação principal.

A metodologia que guiou a produção da “Convenção Assombrosa” baseou-se na perspectiva do letramento literário, de Rildo Cosson (2009), na qual a literatura é encarada não como um conteúdo a ser ensinado, mas sim como uma prática a ser vivida⁷.

Para realização do evento, ou da etapa de motivação, as bolsistas se caracterizam como personagens de contos de assombração (bruxas, vampiras, fantasmas, entre outros), transformando-se em contadoras de histórias. Cada personagem, a partir de um texto construído coletivamente e de um livro de literatura infantil de referência, convidava a criança a conhecer e interagir com a sua história, permitindo que o contato com o livro se tornasse uma experiência pessoal e afetiva. A intenção era que cada personagem fizesse a “propaganda” de seu livro, convencendo os leitores que aquela deveria ser a história escolhida e lida.

Figura 1: Personagens da Convenção Assombrosa



Fonte: Acervo das autoras (2025)

⁷ Doutora em Educação, docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus Presidente Epitácio, aline.lima@ifsp.edu.br

O ambiente da encenação ~~foi planejado coletivamente~~, com a criação de um cenário temático que despertasse a curiosidade e o engajamento dos alunos. As personagens ficavam atrás de um mural personalizado com a temática de assombração (teias de aranha, abóbora, morcegos, vassouras, baú, etc.) e apareciam conforme a narração do texto ia sendo proferida.

Figura 2: Confecção do painel



Fonte: Acervo das autoras (2025)

Cada personagem utilizou a capa do seu livro para convidar as crianças à leitura de maneira divertida e descontraída. O ápice da atividade foi a votação popular para eleger a história preferida, cuja leitura seria realizada posteriormente. Esse processo constituiu o ponto-chave da ação, engajando ativamente os alunos e estabelecendo-os como protagonistas do processo, permitindo que exercessem autonomia e expressassem suas preferências.

A escolha das crianças foi o livro “Eu sou Wandinha”, influenciada pelo apreço à personagem e a uma famosa série distribuída por *streaming*. A presença dessa personagem causou extrema euforia e entusiasmo das crianças, que queriam abraçá-la, tirar fotos e interagir. Apesar das questões comerciais envolvidas, o exercício da escolha em si foi considerado fundamental.

A intervenção pedagógica na Educação Infantil exige um olhar sensível para o universo infantil, reconhecendo-o como ponto de partida e como centro do processo educativo. Essa compreensão se articula com as ideias de Oliveira (2019), que enfatiza a



importância de práticas pedagógicas que considerem as vivências, os saberes e as formas próprias de expressão da criança, defendendo que a aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando a escola reconhece e valoriza sua cultura, seus modos de ser e suas formas singulares de interagir com o mundo. A autora ressalta que o trabalho na Educação Infantil deve criar condições para que a criança exerça sua autonomia, realize escolhas e participe ativamente das situações pedagógicas, reforçando seu lugar como sujeito de direitos e produtor de cultura.

Nessa mesma direção, Barbosa e Horn (2019) afirmam que a organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil precisa estar ancorada nos interesses, nas curiosidades e nas necessidades das crianças, partindo das interações e das brincadeiras como eixos estruturantes (Brasil, 2010). As autoras refletem que ambientes intencionais, espaços flexíveis e propostas abertas possibilitam que a criança explore, investigue e construa sentidos, promovendo aprendizagens contextualizadas. Para elas, o professor atua como mediador atento, capaz de observar, escutar e intervir com intencionalidade, sem engessar processos, mas ampliando as oportunidades de descoberta e expressão.

Figura 3: Crianças junto com as personagens



Fonte: Acervo das autoras (2025)

A ação demonstrou a importância de referenciais teóricos que valorizam a literatura infantil como ferramenta para o desenvolvimento integral, que transcende o aspecto cognitivo para alcançar as dimensões emocional e social da criança. Autores como Vygotsky (1984),



defendem que a criança constrói conhecimentos por meio de experiências culturais mediadas, e a leitura é uma forma privilegiada desse mediador, possibilitando a expressão de emoções, o desenvolvimento da linguagem e a formação de vínculos.

Ao promover essa experiência, reforça-se que a Educação Infantil, sendo a primeira etapa da Educação Básica, constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral da criança, conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (Brasil, 2010). Esse documento reconhece a criança como sujeito histórico, social e cultural, que aprende nas interações, nas brincadeiras e nas múltiplas linguagens por meio das quais se expressa e atribui sentido ao mundo. Nessa direção, as contribuições de Smole (1996) também são fundamentais, pois a autora defende a criança como sujeito de múltiplas linguagens, as quais precisam ser acolhidas e valorizadas, constituindo modos legítimos de pensamento e comunicação.

Assim, a leitura, nesse contexto, não deve ser compreendida apenas como instrumento de alfabetização, mas sobretudo como um meio de transformação e ferramenta fundamental para incentivar o aluno a se tornar sujeito crítico, criativo e atuante em sua realidade social. Essa concepção dialoga diretamente com Freire (1988), que entende a leitura como prática libertadora, capaz de fomentar consciência, autonomia e autoria. Para Freire (1988), ler o mundo precede ler a palavra, e ambas as leituras se entrelaçam no exercício de formar sujeitos críticos e criativos, nos auxiliando na compreensão de que a literatura na Educação Infantil não se limita à introdução de códigos escritos, mas se apresenta como espaço de imaginação, reflexão e construção ativa de significados.

Para isso, é essencial diversificar o modo como a literatura infantil é introduzida e vivenciada pelas crianças, visto que a leitura, quando apresentada com ludicidade e de forma afetiva, transcende a simples aquisição de conteúdo e se torna uma experiência rica que estimula a criatividade, a empatia e amplia o repertório cultural. A importância dessa vivência lúdica, como a "Convenção Assombrosa", está ancorada em autores como Kishimoto (1990) e Wallon (1975), que veem na brincadeira a principal atividade de expressão e desenvolvimento da criança integrando a afetividade e o movimento.

O processo, mediado intencionalmente pelo professor, torna-se essencial para criar situações que favoreçam o encantamento e o protagonismo do leitor. Essa mediação alinha-se a Vygotsky (1984), ao atuar no campo das possibilidades das crianças, e a prática pedagógica sustenta o letramento literário humanizador proposto por Cosson (2009), transformando o ato de ler em uma prática significativa e crítica.



Sendo a literatura um espelho da experiência humana, é necessário que o trabalho pedagógico se fundamente nessa realidade da criança para garantir que as práticas sejam significativas. Rildo Cosson (2009) endossa essa perspectiva ao defender que a literatura deve ser uma prática a ser vivida, e não apenas um conteúdo a ser ensinado.

A intervenção "Convenção Assombrosa" gerou resultados que ultrapassaram as paredes da sala de aula. No que tange ao corpo discente, a ludicidade e a votação promoveram interação e aproximaram os alunos das atividades, validando a abordagem afetiva da literatura como meio eficaz de estimular a criatividade e a empatia.

No plano institucional, a prática resultou no estreitamento dos laços entre pibidianos, equipe gestora e equipe escolar. A ação, considerada exitosa, contribuiu para a maior aceitação e valorização do espaço de atuação do PIBID na instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência literária “Convenção assombrosa”, possibilitou aos alunos bolsistas, vivenciarem o papel de mediadores culturais, articulando literatura e expressão de forma acessível e atrativa às crianças. A atividade contribuiu para ampliar o repertório cultural dos estudantes do Pré I e Pré II, estimulando a imaginação, o encantamento pelo universo literário e a socialização entre escola e alunos bolsistas.

Apresentar uma atividade como encenação, incorporando personagens e trazendo uma produção temática para o ambiente escolar, fortaleceu vínculos entre toda a equipe escolar, abriu portas para futuras atividades e gerou credibilidade entre gestores, professores, funcionários alunos da Educação Infantil e alunos bolsistas. A atividade também incentivou o desenvolvimento da imaginação e do interesse pela literatura, ressaltando a importância de experiências artísticas e alternativas no processo de alfabetização e letramento, fugindo do modelo tradicional de aulas.

O projeto favoreceu a interação entre os alunos bolsistas através do trabalho coletivo, desde a produção do roteiro e dos ensaios até a ambientação e construção das personagens , promovendo a colaboração e cooperação.

Essa experiência foi enriquecedora não apenas para os alunos, mas também para as alunas bolsistas participantes do PIBID, pois permitiu a articulação entre teoria e prática, desde o planejamento colaborativo e da mediação pedagógica centrada na criança. Ao se

envolverem diretamente com o cotidiano escolar, as futuras professoras puderam experimentar os desafios e as potencialidades de promover uma educação sensível e transformadora, contribuindo para o exercício de sua futura profissão.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. C. S; HORN, M. G. S. A cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. In: ALBUQUERQUE, S. S; FELIPE, J; CORSO, L. (org.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2019. p. 17-36.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1990.
- OLIVEIRA, Z. M. R. Que desafios e perspectivas a Base Nacional Comum Curricular traz à Educação Infantil. In: ALBUQUERQUE, S. S; FELIPE, J; CORSO, L. (org.). **Para Pensar a Docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2019. p. 288-297.
- OLIVEIRA, V. B. de. **O brincar e o fazer na Educação Infantil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.
- SMOLE, K. C. S. **A matemática na educação infantil**: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996
- YGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.